

EXISTÊNCIAS DE FERNAND DELIGNY

Noelle Coelho Resende¹
Sônia Regina da Luz Matos²
Camille Luzia Grizon Rampon³

Resumo: Conhecemos a pesquisadora Dra. Noelle Coelho Resende como uma das referências brasileiras que contribuiu para o trabalho coletivo de construção do arquivo da obra de Fernand Deligny (1913-1996) para a consolidação do Fundo Fernand Deligny, no *L'Institut Mémoire de l'Édition Contemporaine (IMEC)* na França. Noelle foi citada pela editora francesa Arachnéen (Deligny, 2007) como uma brasileira que “cuidou” do espaço e do material da rede de convivência com crianças autistas, em *Cévennes*, e de outras produções de Deligny. Convidamos Noelle, em janeiro de 2024, para conversar sobre sua tese: *Do asilo ao asilo, as existências de Fernand Deligny. Trajetos de esquiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito* (2016), sua experiência junto a pesquisadores internacionais da rede Deligny, sobre a expansão do pensamento dele no Brasil, a importância do ato de escrever, do estilo da escrita em seu trabalho e em suas contribuições para o campo da educação e do cuidado.

Palavras-chave: Arquivo; Asilo; Educação; Escrita; Rede Deligny.

-
- 1 Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e da Nova Medical School da Universidade Nova de Lisboa (NMS/UNL). Psicanalista clínica e membro associado da Formação Livre em Esquizoanálise do Rio de Janeiro. Se dedica aos temas do cuidado, proteção em saúde mental, com ênfase em populações e territórios atingidos por processos estruturais de violência. noellecresende@gmail.com
 - 2 Atuou como professora alfabetizadora de crianças, jovens, adultos e idosos. Licenciada em Pedagogia. Psicopedagoga. Mestrado e Doutorado em Educação. Pós-doutorado em Filosofia, Artes e Estética (Paris 10) e em Filosofia, Política e Psicanálise (Paris 8). Professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisa do Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação PDE/CNPq (2025). srlmatos@ucs.br
 - 3 Mestre em Educação, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), Bolsista da Fundação Universidade de Caxias do Sul. Licenciatura em Pedagogia (UNIPAMPA - Jaguarão), Especialista em Educação (IFSUL - Pelotas/RS), Pós-Graduação em Docência no Ensino Superior (UNIASSELV). Formação Continuada para a Educação a Distância (IFRS). clgrizon@ucs.br

-- ARTIGO RECEBIDO EM 17/10/2025. ACEITO EM 17/11/2025. --

EXISTENCES OF FERNAND DELIGNY

Abstract: We know a researcher, PhD Noelle Coelho Resende as one of the Brazilian experts who contributed to the collective work of building the archive of Fernand Deligny's (1913-1996) work for the consolidation of the Fernand Deligny Fund at *L'Institut Mémoire de l'Édition Contemporaine* (IMEC) in France. Noelle was cited by the French publisher Arachnéen (Deligny, 2007) as a Brazilian who “took care” of the space and material of the network for coexistence with autistic children in *Cévennes*, and of other productions by Deligny. We invited Noelle, in January 2024, to talk about her thesis: (*Do asilo ao asilo, as existências de Fernand Deligny. Trajetos de esquivas à Instituição, à Lei e ao Sujeito*, 2016), her experience with international researchers from the Deligny network, the expansion of his thought in Brazil, the importance of the act of writing, the style of writing in his work, and his contributions to the field of education and care.

Keywords: Archive; Asylum; Education; Writing; Deligny Network.

Conhecemos a pesquisadora Dra. Noelle Coelho Resende como uma das referências brasileiras que contribuiu para o trabalho coletivo de construção do arquivo da obra de Fernand Deligny para a consolidação do Fundo Fernand Deligny, no *L'Institut Mémoire de l'Édition Contemporaine* (IMEC) na França. Noelle foi citada pela editora francesa Arachnéen (DELIGNY, 2007) como uma brasileira que “cuidou” do espaço e do material da rede de convivência com crianças autistas, em *Cévennes*, e de outras produções de Deligny. Convidamos Noelle, em janeiro de 2024, para uma conversa sobre sua tese (*Do asilo ao asilo, as existências de Fernand Deligny. Trajetos de esquivas à Instituição, à Lei e ao Sujeito*, 2016), sua experiência junto a pesquisadores internacionais da rede Deligny, assim como sobre a expansão do pensamento dele no Brasil, a importância do ato de escrever e do estilo da escrita em seu trabalho e suas contribuições para o campo da educação e do cuidado.

Camille

Gostaríamos de num primeiro momento lhe escutar sobre a experiência da sua tese. Como você chegou ao autor Fernand Deligny?

Noelle

Eu vou tentar resgatar um pouco o caminho desse percurso, porque já se vão quase doze anos e meio do encontro com o trabalho do Deligny, que na verdade é o trabalho de muita gente. Então, eu tinha acabado de entrar no doutorado em Direito, na PUC-Rio. Mas acho que é importante falar da minha trajetória no Direito. Fiz minha graduação, meu mestrado e meu doutorado em Direito, mas nunca advoguei ou atuei no campo “restrito” do direito. Sempre trabalhei com direitos humanos, com proteção no campo da violência de Estado, pensando a discussão de políticas públicas relacionadas com a garantia de direitos.

Em 2012, entrei no doutorado e trabalhava numa organização da sociedade civil aqui no Rio de Janeiro. Não conhecia o Deligny quando escrevi o meu projeto

de tese e tinha escrito um projeto para fazer uma discussão no campo da análise institucional, a partir do trabalho de Deleuze e Guattari.

Logo na entrada do doutorado, em agosto de 2012, eu fui à Bienal de Arte em São Paulo, junto com o Eduardo Passos, professor da psicologia da UFF. Foi lá que a gente entrou em contato com o trabalho do Deligny.

Era uma exposição que tinha um pouco de cada tipo de material do trabalho dele, especialmente do período em *Do asilo ao asilo*, as existências de Fernand Deligny. Trajetos de esquiiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito, tinha os mapas, vários extratos de filmes e textos. E acho que lá se deu o encantamento, sem muita racionalidade, um pouco pelas ideias, pelos mapas, pelos escritos... Com um amigo professor que estava na França naquele momento, conseguimos um exemplar do livro *Obras*, que não está traduzido para o português. A partir desse momento, começamos a fazer um encontro de leitura, semanal, no Rio de Janeiro. Eu, o Eduardo e um orientando de doutorado do professor Eduardo Passos, Iacá Machado Macerata. Líamos juntos, fazendo uma certa tradução precária do texto do Deligny, do jeito que era possível. E pronto! Acho que a partir daquele momento, fez muito sentido para eu pensar a discussão institucional a partir do trabalho do Deligny.

Tem todo o trabalho em *Cévennes*, talvez mais conhecido atualmente, que eu acho que traz uma grande discussão importante no campo do cuidado e do espaço. Mas também tem todo o trabalho anterior dele nas instituições, que, naquele momento, era bastante importante para mim, para pensar quais eram as estratégias desenvolvidas por ele para conjurar processos institucionais normalizadores e violentos. Então acho que foi por aí que eu fui chegando no Deligny, depois ele ganhou outros caminhos na minha vida, outros sentidos de trabalho para mim, afinal houve muitas mudanças nesses doze anos.

Em 2014, eu apliquei para uma bolsa de um ano de doutorado sanduíche (PDSE/CAPES) para o Departamento de Filosofia da Paris X (*Université Paris Nanterre*). Nesta mesma época, o Marlon Miguel estava realizando um período de intercâmbio no Brasil de seu doutorado em Paris 8 (*Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis*). Ele passou seis meses aqui antes do meu período de sanduíche na França, e a gente teve a oportunidade de trocar bastante sobre nossas leituras de Deligny.

Tínhamos, nos conhecido em 2013, por intermédio de um amigo em comum que nos apresentou exatamente porque estávamos ambos trabalhando com Deligny, o que naquela época era bastante incomum. Em 2014, o Marlon havia sido convidado pela Sandra Alvarez de Toledo, dona da Editora *Arachnéen*, para dar continuidade ao trabalho de organização do acervo dos textos de Deligny em *Cévennes* para a constituição do Fundo Deligny no IMEC. Sandra havia iniciado, para a organização do livro *Obras*, um grande esforço em *Cévennes* de organização desse acervo. Um esforço conjunto com Jacques Lin e Gisèle Durand, que são as duas presenças próximas que, após a morte de Deligny, permaneceram no cuidado com as pessoas autistas e na construção desta tentativa.

Em 2014, então, com a bolsa do PDSE, fui passar um ano em Paris e a convite do Marlon conheci Sandra e me juntei no esforço coletivo de organização dos textos inéditos de Deligny que permaneciam em *Cévennes* – manuscritos e tapuscritos, na casa onde ele havia morado e onde desenvolvia sua prática de escrita.

A partir disso, entre 2014 e 2015, começamos uma rotina de ida todos os meses para *Cévennes*, e conhecemos melhor a Gisèle e o Jacques, o trabalho deles, o papel das presenças próximas na rede, entendemos melhor a dinâmica de como eram desenvolvidas as cartografias e o trabalho de escrita do Deligny. De modo geral, procuramos compreender melhor como era o arranjo da rede em *Cévennes*. É claro que essa experiência foi fundamental para minha tese, tanto o contato com os materiais que não estavam publicados, como – e fundamentalmente – a convivência com Jacques e Gisele, e a memória dessa rede e de todo o trabalho construído.

Essa etapa do trabalho foi concluída e resultou em um material que foi enviado para o IMEC, por volta de julho de 2015. Foram em torno de três mil páginas de textos catalogadas, para as quais pensamos uma metodologia de “arquivagem” e finalizamos essa organização lá no instituto. Marlon, junto com Marina Vidal Naquet e Matin Molina, deram continuidade a estes trabalhos.

Cheguei ao Deligny, então, um pouco ao acaso. A partir desse convite para a bienal, o encontro com Deligny teve uma sintonia muito grande com o que me motivava e me movia naquele momento. Construir uma discussão institucional no campo dos direitos humanos, pensar sobre o que a gente estava debatendo quando discutia criação institucional, micropolítica, proteção a direitos, coletivos e movimentos sociais. Acho que o Deligny teve muita sintonia para mim a partir das estratégias que ele desenvolvia nas instituições nas quais ele trabalhou, para não deixar que se tornasse um modelo, para evitar que as tentativas se cristalizassem em uma institucionalidade dura. Meu trabalho de tese foi, então, direcionado para cartografar as tentativas de Deligny no campo do debate institucional. Depois ele se desdobrou de muitas formas. Ainda durante o último ano do doutorado, eu fui trabalhar com a construção de memória das violências de Estado cometidas após 1988. Além da investigação documental, fiquei responsável pela escuta de testemunhos de violência. Impulsionada por essa escuta, fiz uma formação em psicanálise e uma formação em esquizoanálise. Passei a trabalhar mais na relação entre proteção e saúde mental. Com o tempo, essa relação vai ganhando diferentes caminhos....

Camille

A partir dos seus estudos podemos fazer uma aproximação entre a institucionalidade, principalmente da primeira tentativa de Fernand Deligny, e a escola para pensar a educação atualmente? Pode falar um pouquinho sobre isso?

Noelle

Bem, acho que sim. Podemos pensar a partir da sua questão anterior, que era como estudar e pensar Deligny, tendo em conta a crítica a uma certa modelagem ou institucionalização de seu trabalho. Acho que isso pode ser ligado a qualquer campo de atuação. Essa era uma questão muito presente quando organizamos os arquivos, pensando a própria criação de um fundo Deligny como algo um tanto contraditório. Às vezes, brincávamos perguntando se ele gostaria do que estávamos fazendo. Essa questão do não modelo está sempre presente. Acho que não é propriamente sobre não construir processos instituintes, mas tomar o Deligny como uma diretriz ética de uma forma de ação. Como podemos sempre colocar em questão as práticas que estão sendo construídas? Se estamos constantemente em processos de institucionalizações, se isto faz parte da nossa própria prática de criação, como romper a institucionalidade tendo uma perspectiva crítica e de cuidado com os tipos de práticas que estamos institucionalizando? Como colocá-las sempre em questão?

Eu acho que, nesse sentido, Deligny, tem ressonância em diferentes campos de saber, por exemplo, hoje em dia a gente está começando a pensar Deligny no campo da saúde mental. Como Deligny pode ajudar a pensar a prática clínica? O que ele dispara para pensar em termos de práticas de cuidados, de respeito às singularidades, do espaço de cuidado a partir das cartografias? Acho que, no campo da educação, Deligny traz um pouco dessa mesma inspiração, não como um modelo, mas como uma direção ética da ação. Porém, acho difícil falar “o Deligny”. Desde seu trabalho mais institucional até a tentativa em *Cévennes*, ele esteve sempre cercado de muitos outros. As práticas sempre foram coletivas, ele ajudou a manejar, apoiou este manejo, sistematizou, organizou de forma conceitual, escreveu.

Como é que essas direções de ação ajudam a gente a pensar o campo institucional? Eu acho que faz todo o sentido pensar isso também nas escolas. Acho que isso tem uma ressonância grande para o trabalho enquanto direção ética. De atenção à singularidade, aos percursos, aos trajetos daquilo que vai se formando nas instituições.

Camille

Pode nos contar um pouco sobre a experiência de trabalhar na elaboração dos arquivos de Fernand Deligny, o estar com as presenças próximas em *Cévennes*, os autistas, já adultos, que ainda estavam em *Cévennes*, toda essa carga subjetiva do trabalho que requer o exercício de arquivamento?

Sônia

Gostaria de complementar a pergunta: você poderia também falar sobre como foi criar a montagem do material de Deligny no IMEC?

Noelle

Então, acho que o trabalho nos arquivos, foi realmente algo que mudou o percurso da vida. Mudou o processo da tese, minha perspectiva sobre o Deligny, sobre todo esse trabalho coletivo. Eu acho que chegar lá (em *Cévennes*) foi um encantamento, conhecer o Jacques, a Gisèle, conhecer mais a história deles, a contribuição e a participação deles no trabalho, entrar em contato com todo esse material, é um privilégio. Era muito emocionante ter contato com todos os textos - inéditos e as diferentes versões -, entender um pouco mais a dinâmica de escrita do Deligny. Entender isso com todos os detalhes que circulavam ali no ambiente, estar em contato, de fato, afetivo, com aquele lugar. Conhecer as pessoas autistas que ali ainda viviam. Poder participar, nesse dia a dia, poder fazer outras coisas que não só o arquivo, mas sentir um pouco o que era aquele processo. Foi tudo muito impactante.

Em termos do material, entrar em contato com os textos foi extremamente importante. Não só pelo conteúdo, mas para entender a dinâmica de escrita do Deligny, que era muito singular. Ele escrevia a mesma coisa várias vezes, fazia pequenos desvios nessa escrita, ele voltava nas histórias, ele mudava as histórias, mudava detalhes, era quase como se não houvesse uma verdade naquela escrita. Eu acho que isso tudo está ligado com o trabalho institucional que ele desenvolve. Que é um pouco colocar em questão essa ideia de que existe uma coisa certa, ou uma verdade, ou uma História. Ele faz isso com toda a vida dele, isso aparece também na explicação sobre todos os caminhos que ele vai trilhando. Entrar em contato com isso assim foi fundamental para podermos fazer esse trabalho, estar lá mergulhada, junto com Marlon (Miguel), ir discutindo as questões e pensando uma metodologia para o arquivamento dos textos de uma forma que fizesse sentido para o trabalho do Deligny e das presenças próximas. Entender o lugar das presenças próximas, entender as dinâmicas de construção dessa rede foi fundamental para reorganizar e criar novos rumos para o próprio trabalho que a gente estava fazendo naquele momento, que eu estava fazendo na tese, como também na vida. Foi uma experiência, subjetivamente, efetivamente, muito potente e importante. Que segue até hoje, no cultivo de relações de vida com Gisèle, Jacques e Sandra.

Em termos de como a gente pensou a montagem do arquivo, foi toda uma questão pensar sobre os sentidos de arquivar as obras de Deligny. Acho que esse ponto segue sendo uma questão. Mas acho que a construção de memórias é uma aposta e que se aplica a outros campos também, como o trabalho de construção da memória das violências de Estado no Rio (de Janeiro - BR), do qual participei. É uma aposta de que a construção de um arquivo seja um processo vivo, que possa se modular continuamente. E não pensar o arquivo como algo que guarda uma memória estática da forma como ali estava em algum momento.

Não sei exatamente como o IMEC está funcionando agora para ir lá e para visitar. Mas a ideia era que construir esse arquivo pudesse ser algo que mantivesse viva e em mutação a obra do Deligny, e não que a congelasse no tempo. Então, a ideia era que pudesse ser visitado, produzisse outras ideias, ajudasse a produzir

outros caminhos de estudo, de pesquisa, de vida. Tiveram livros que vieram depois, como o *Camérer: A propos d'images* (Deligny, 2021), uma coletânea de textos do Deligny que traz uma discussão no campo da imagem e do cinema e que foi construído depois desse esforço de organização, continuado pela Marina (Vidal-Naquet) e o Marlon. Apostamos que o arquivo pudesse ser um trabalho vivo, ao contrário de várias perspectivas sobre arquivo. Acho que tem vários desafios para isso, como de fato manter isso em atividade. Como é possível potencializar um arquivo para que ele possa ser acessado, para que ele possa ser material de insumo para discussões coletivas, para que outras coisas possam ser feitas a partir desse trabalho de organização, para que ele não termine ali enquanto mera “arquivagem”?

Sônia

Você descrevendo tudo isso agora me veio uma cena deste local, o IMEC. Quando eu estive lá, solicitei autorização para acessar os arquivos. Pelo modo como o material foi disponibilizado no sistema de procura do IMEC, dá para constatar que existe um modo com o qual vocês, Marlon Miguel e você, fizeram a montagem do pensamento da obra de Fernand Deligny. A partir disso, gostaria de trazer para a gente conversar duas questões. O próprio título da sua tese me movimentou para a procura dos arquivos lá. Quando fui para lá, em janeiro de 2023, estava com sua tese muito presente e acabei por selecionar alguns materiais muito próximos daqueles que você usou, sobre asilo. Tem uma matéria, uma sequência de pastas com textos redigidos de forma manuscrita e datilografada por Deligny; os textos têm o tema sobre o asilo. O que me chamou a atenção, e que localizei numa pasta do arquivo, foi um dos textos manuscritos: *Tant d'asiles en cinquante ans, et ce mémoire inéluctable* (6 páginas). Localizei a ideia escrita de *lirecrire* (lerescrever), as duas palavras escritas juntas “ler” e “escrever”, como se constituísse um único sentido para o ato de escrever. Você pode falar um pouco sobre essa questão da escrita, dessas pistas de investigação que vi diretamente numa das pastas do arquivo?

Noelle

É muito bom te ouvir falar. Após a tese, eu tive um momento de muita intensidade em torno do Deligny e depois muito trabalho aqui no Rio (de Janeiro) em torno da Subcomissão da Verdade na Democracia (ALERJ), o que ocasionou um certo afastamento. De alguns anos para cá venho retomando o estudo e o trabalho com Deligny e estou nessa longa tentativa de organizar um livro a partir da minha tese. Para termos produção também nossa acerca do trabalho do Deligny. Voltar a pensar na tese é sempre também pensar essa escrita do Deligny. E o título da tese é algo em que tenho pensado, essa ideia do asilo é uma ideia cara para mim, porque, obviamente, no campo da saúde mental, trabalhamos com a perspectiva da reforma psiquiátrica, da luta antimanicomial, de como pensar um cuidado aberto e não “encarcerante” da loucura. E acho que a forma como Deligny aborda a questão do asilo, apesar da palavra parecer um pouco contraditória, é muito potente para pensarmos o cuidado como algo singular e aberto. O que significa de fato asilar?

Oferecer asilo, refúgio. Essa é a ideia no Deligny que é muito cara para mim, como uma palavra-chave. Essa leitura do asilo do Deligny pode ser potente para a gente pensar o cuidado, para pensar esse cuidado, de fato, singular, que está muito mais próximo do asilo como refúgio.

E o procedimento de escrita é algo que estava sempre presente, para a gente, na organização dos materiais no arquivo. Como uma organização do material do Deligny poderia respeitar esse procedimento, que entendíamos ser uma forma criada por ele para não fixar propriamente uma autoria, apesar de no limite haver alguém que escreve o texto. Se contradizendo permanentemente através da reescrita dos textos, Deligny parecia também conseguir contradizer uma certa ideia de autoria. Obviamente, eu não sei o que ele estava pensando enquanto ele estava escrevendo. Mas eu acho que tem algo que é interessante nesse procedimento que ele usa e que, para mim, se tornou importante: que é como, de fato, fazer da escrita uma escrita coletiva.

Deligny não ia até as áreas de convivência, as presenças próximas vinham até ele para trazer notícias e discutir questões, a rede então se tecia pelo trabalho coletivo das presenças próximas. As reflexões do que se passava nas áreas de convivência vinham das cartografias que, em grande parte, eram produzidas pela Gisèle, que circulava em diferentes áreas de convivência, e outras traçadas pelas presenças próximas. Mas, em geral, a forma de conhecer esse trabalho é através dos escritos de Deligny. Temos contato com essa obra a partir dos textos. É curioso pensar que os escritos tragam o nome de uma pessoa quando o trabalho era tão fundamentalmente coletivo.

Então, fico pensando em como esse procedimento de escrever incessantemente era por um lado como um “abrir espaço”. E isso é elucubração elucubrando... A escrita incessante talvez tenha sido algo que permitiu ao próprio Deligny elaborar os processos da sua vida e do seu trabalho. Voltar aos textos, poder rever, deslocar de um lugar algo que seria permanente, questionar, colocar em questão aquilo mesmo que está sendo escrito. Esse voltar quase que no mesmo conteúdo, mas fazendo pequenos desvios, fazendo desaparecer pequenos trechos ou algumas palavras, ou escrevendo de outras formas, ou criando palavras, parece uma forma de poder sempre colocar em questão o que está sendo feito. Mas eu acho também que acaba por ser, embora não saiba se era essa a intenção, uma forma de trazer tantos outros para essa escrita. Tornando a escrita menos pessoal e mais equivocada, e por ser equivocada, mais coletiva também. Destituir um pouco o lugar desse nome que assina a autoria... Eu acho que tem estratégias de escrita, falando agora para a nossa própria prática de vida, que podem ser interessantes de serem experimentadas, a fim de colocar em questão o nosso nome mesmo. Não sei se era intencional, mas acaba que a escrita do Deligny coloca essas questões para a gente. E isso é potente para pensar essa escrita coletiva e uma equivocação das experiências.

Sônia

Ainda sobre a escrita, temos na obra do Deligny uma escrita única. O acesso às obras dele, por não serem traduzidas no Brasil, ou melhor, pouco traduzidas, limita conhecer sua obra (Matos; Miguel, 2020, Miguel, 2016). Como você percebe a potência de estudar Deligny?

Noelle

Essa questão é interessante. Por que é potente a gente estudar Deligny? Essa foi uma questão que me permeou por muito tempo depois da tese, atravessada por outras questões, e eu acho que é uma questão em aberto. Fico me perguntando por que é importante a gente estudar o Deligny e estar em contato com essa obra. Tive um momento de arrefecimento dos estudos do Deligny, muito motivada por questões como: o que é potente para pensar a nossa criação institucional e a nossa discussão no campo das políticas públicas? Por que buscar uma experiência que está localizada em um tempo, em um lugar, que não deixa de ser eurocêntrica, que não deixa de ser uma experiência muito específica? Pensar sobre o que é que estamos buscando como referência para essas discussões institucionais na América do Sul, no Brasil. O que é que, buscando autores europeus, replicamos de processos de dominação? E que outras referências a gente pode trazer para essa discussão? São todas questões que vão me permeando também. São questões em aberto e elas precisam estar em aberto. Mas eu acho que o trabalho de Deligny tem uma potência, por mais que seja uma referência francesa, europeia, é uma referência minoritária, por ter sido uma experiência minoritária naquele contexto. O campo é majoritário, mas a experiência desenvolvida pelo Deligny e pelas presenças próximas em *Cévennes* é minoritária. Então, eu acho que isso carrega uma potência para a gente pensar os nossos processos, tem coisas para serem pensadas, apropriadas e mudadas da forma como a gente desejar.

É importante a gente se apropriar desses textos para poder produzir uma digestão, uma reelaboração, um pouco como Deligny fazia com as referências que ele usava. Para se inspirar inclusive na forma de ler e escrever do Deligny, que é de “trair” o conteúdo da forma como foi potente para o trabalho de cada um, para o desenvolvimento de cada um. E aí, nesse sentido, acho que é importante entrar em contato com a produção dele, porque só assim a gente faz os nós, dá viradas, cria coisas próprias. Poder lê-lo, poder ler quem está lendo-o, quem está trabalhando, é potente nesse sentido de criar os nossos sentidos.

E acho que sim, tem poucas publicações em português, mas tem movimentos, tem pessoal lendo, no dia 8 de fevereiro vou participar de uma banca da psicologia que é um trabalho para pensar o campo do cuidado a partir do Deligny, tem coisas movendo-se. Em outubro do ano passado, houve um encontro internacional em Buenos Aires (Argentina). Aconteceram os dois primeiros encontros internacionais no Rio (de Janeiro - BR) e agora em Buenos Aires (Argentina), e majoritariamente são pessoas da América do Sul que estão participando. Achei muito interessante porque se debruçaram sobre Deligny, não só de uma forma teórica, mas se

apropriando muito do Deligny para os trabalhos de ação, de intervenção. Tinha uma forte participação da pedagogia com trabalhos em escola, prisões, acho que foi muito potente. Acho que dá um sentido para a leitura de Deligny. Como pode ser ainda importante descobrir esses textos? Acho que tem uma potência para discussão conceitual e acho que tem uma potência para o trabalho, misturando referências, podendo dar outras caras para esse trabalho.

Camille

Acredito que vai um pouco também ao encontro da ética de Deligny, sua escrita não como modelo, mas como um ponto de disparo, de resistência. Na sua tese, você o descreve como escritor e poeta. Em algumas leituras que fiz, ele apresenta também um viés para ser descrito como escritor, poeta e etólogo. Particularmente, eu percebo o trabalho dele muito próximo da antropologia. Além disso, ele tem produções que perpassam diversas áreas, como o cinema, a filosofia e a psicanálise. Embora ele não gostasse de definições, pela possibilidade de delimitá-lo. Ainda assim, me interessa lhe escutar sobre o Deligny educador (Rampon, 2024).

Noelle

Pensar o Deligny como escritor faz sentido para mim como forma de tentar dar conta de sua transdisciplinaridade. Desde o fato dele não ter nenhuma formação universitária, até a abertura de diversos campos do conhecimento que aparecem em seus textos, essa ideia do Deligny escritor tem um pouco essa cara de tentar traduzir as características trans do trabalho e da vida dele. Pode ser também uma forma de mostrar e nomear o que, de fato, parecia ser uma prática constante dele. Deligny tinha uma prática diária de sentar e escrever por horas e horas e a gente vê isso traduzido nesse imenso material que ele produziu. Independentemente da área do conhecimento, ele era um cara que escrevia, ele era um escritor.

Eu não sei exatamente como você definiria um educador para poder responder à sua pergunta. Eu acho que o Deligny, em alguma medida, é um educador. Ele trabalhou muito tempo em instituições relacionadas ao campo da educação direta ou indiretamente: em escolas, com os jovens considerados infratores... Acho que tem uma dimensão de um Deligny educador ali. Mas precisaria entender o que é que você está chamando de ser um educador. Porque se é uma coisa mais encaixotada, acho que não, mas se é uma prática de entender o aprendizado como algo que se dá na experiência aberta, na escuta atenta às singularidades das pessoas que estão envolvidas naquelas ações... Por exemplo, acho que toda a experiência da *La Grand Cordée* é isso.

A educação entendida como um processo de aprendizado no mundo, a partir das singularidades de cada pessoa e da abertura de possibilidades de se relacionar com esse mundo, de aprender de alguma forma a se relacionar com esse mundo, na experiência. Não para chegar no lugar do que é certo, um aprendizado no sentido da hierarquização dos saberes e das experiências, mas sim, uma possibilidade de

aprender a viver, nesse sentido mais ético. Tem uma dimensão forte de um Deligny educador. Mas nesse sentido! Se for no sentido do encaixotamento, da disciplina, então não.

REFERÊNCIAS

DELIGNY, Fernand. **OEuvres**. Édition établie et présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007. 1846p.

DELIGNY, Fernand. **Camérer: A propos d'images**. Édition établie et présentée par Sandra Alvarez de Toledo, anais Masson, Marlon Miguel et Mariana Vidal-Naquet. Paris: L'Arachnéen, 2021. 390 p.

MIGUEL, Marlon Cardoso Pinto. **À la marge et hors-champ. L'humain dans la pensée de Fernand Deligny**. 2016. Cotutelle de these (Doctorat d'Arts Plastiques et de Philosophie). Esthétique, Sciences et Technologies des Arts. Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis, Paris, FR. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ (PPGF). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2016.

RESENDE, Noelle Coelho. **Do Asilo ao Asilo, as experiências de Fernand Deligny: trajetos de esquiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito**. 2016. Tese (Doutorado em Direito). Programa de Pós-Graduação em Direito. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2016.

MATOS, Sônia Regina da Luz; MIGUEL, Marlon. Conversação sobre Fernand Deligny e o Aracniano. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 498–516, 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i2.8654857. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8654857>. Acesso em: 18 set. 2025.

RAMPON, Camille Luzia Grizon. **LerCOM e EscreverCOM o educador F. D: delyneando circunstâncias**. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Caxias do Sul, RS. 2024.